

IMAGENS PARA O FUTURO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A DESCOLONIZAÇÃO DO OLHAR FOTOGRÁFICO

Andréa Silva D'Amato²
Bárbara Copque³

Resumo

O artigo apresenta questionamentos e reflexões acerca das categorias branquitude e descolonização da imagem, que conduziram a pesquisa de mestrado “Tempos compostos: Babá-Egún, fotografias, ancestralidade e memórias no Omo Ilê Agboulá”, trazendo apontamentos levantados a partir de uma conversa entre as antropólogas Bárbara Copque e Andréa Silva D'Amato, impulsionada pelo livro “Olhares Negros”, da ativista e teórica feminista bell hooks⁴. Assim, produz-se um relato da experiência visual que Copque desenvolveu com alunas e alunos do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Palavras-chave: Branquitude; Antirracismo; Fotografia; Memória.

Abstract

The article presents questions and reflections about the categories whiteness and decolonization of the image that led to the master's research "Compound times: Babá-Egún, photographs, ancestry and memories at Omo Ilê Agboulá", and brings notes raised from a conversation between the anthropologists Bárbara Copque and Andréa Silva D'Amato, inspired by the book "Olhares Negros", by activist and feminist theorist bell hooks. As well as the account of the visual experience that Copque developed with students from the Department of Teacher Training at Faculty of Education of Baixada Fluminense (FEBF), at University of the State of Rio de Janeiro (UERJ).

Keywords: Whiteness; Anti-racism; Photography; Memory.

Quais histórias se contam com as fotografias? Sob quais perspectivas e quais pontos de vista? Quem fotografa o quê? Quais presenças e quais ausências as fotos carregam? Como podemos questionar as imagens? Qual é o lugar da imagem como conhecimento? Como imaginar futuros com fotografias? Essas foram algumas questões que acompanharam a pesquisa de mestrado, da qual resultou a dissertação: “Tempos

² Fotógrafa, doutoranda e mestre em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia da Imagem pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo e Produção Editorial pela Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: andrea@andreadamato.com.br.

³ Fotógrafa. Doutora, mestre e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde é professora. Subchefiou, entre 2020 e 2022, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Concluiu o pós-doutorado pela mesma instituição. E-mail: barbara.copque@gmail.com.

⁴ Para a autora, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: “O mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks é grafado com as iniciais minúsculas, cf.: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

compostos: Babá-Egún, fotografias, ancestralidade e memórias no Omo Ilê Agboulá”, apresentada em novembro de 2020 na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)⁵.

A prática etnográfica teve lugar no povoado do Alto da Bela Vista (BA), envolvendo moradores do entorno Omo Ilê Agboulá, descendente direto de uma linhagem de antigos terreiros de culto à Egúngún⁶ estabelecidos na Ilha de Itaparica⁷ há cerca de 200 anos. O Agboulá foi fundado em 1934 pelos irmãos Pedro, Olegário e Eduardo Daniel de Paula, e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural em 25 de novembro de 2015.

No decorrer do trabalho em campo e durante a escrita, eu, Andréa, percorri um longo caminho epistemológico no qual o embate com minha branquitude foi fundamental para que construísse uma análise de imagens e do próprio culto com outras formas do pensar e construir relações. Com essa guinada epistemológica, apoiada na leitura de autoras negras⁸, incluindo cosmologias e epistemologias próprias, percebi-me em um campo de implicações cruzadas, que me levou pensar a fotografia com as teorias do candomblé. As reflexões ora apresentadas são resultantes de uma conversa via *Skype*, realizada no dia 24 de abril de 2020, entre as pesquisadoras e autoras deste artigo.

Os terreiros são espaços de circulação, onde importantes conhecimentos de relações de matriz africana são partilhados e, evidentemente, “não se trata de um saber cristalizado imutável” (Braga, 1995). Segundo Jérôme Souty (2001), a memória das sociedades predominantemente orais é assimilada e reinterpretada de modo a deixar o campo livre para a expressividade dos atores, ou seja, a tradição oral é uma recriação permanente, fluida e movediça. Os segredos, visibilidades e invisibilidades são partes da

⁵ Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/64702>. Acesso em: 10 maio 2023.

⁶ Babá-Egún ou Egúngún é a energia primária e potencializada dos ancestrais de homens que foram importantes dentro da comunidade; enquanto Egún é um termo mais abrangente, que designa qualquer pessoa falecida em sua forma primitiva. Essa definição foi concedida por mestre Didi em entrevista à José Sant’anna Sobrinho (2015, p. 166).

⁷ A ilha de Itaparica situa-se no Recôncavo Baiano, distante 24 km de Salvador por via marítima. Divide-se em dois municípios: Itaparica e Vera Cruz. O povoado do Alto da Bela Vista, onde está o Omo Ilê Agboulá, fica na Praia de Ponta de Areia. O tempo de viagem até a capital, Salvador, dura cerca de duas horas. O trajeto inclui uma caminhada a pé, um transporte coletivo (na maioria das vezes informal) e a travessia da baía de Todos os Santos, que pode ser feita de *ferry* (via Bom Despacho, Itaparica) ou por lanchas (via Mar Grande, Vera Cruz).

⁸ Alguns nomes como o de Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxossi), Gersonice Azevedo Brandão (Ekedi Sinha), Suely Carneiro, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, entre outras, estavam presentes em minhas referências bibliográficas.

própria dinâmica do candomblé. Porém, para além disso, em tempos passados, a invisibilidade funcionou como uma forma de resistência contra uma sociedade opressora que negava – e nega – direitos e acessos. Assim, ao mesmo tempo que se tornavam invisíveis eram também invisibilizados. Ou melhor, se tornaram invisíveis porque foram brutalmente apagados. Não foi uma escolha, foi uma imposição.

Desde que os navios negreiros cruzaram os oceanos, inúmeras histórias da população negra foram silenciadas, renegadas, violentadas. No que tange à fotografia, deparamo-nos com a produção de uma cultura visual em que predomina o olhar do homem branco. A escravização de africanos em terras ocidentais foi talvez a maior tragédia da era moderna. Estima-se que 11 milhões de pessoas tenham sido transplantadas à força da África para as Américas e dessas cerca de 5 milhões aportaram em terras brasileiras (Schwarcz; Gomes, 2018). Além disso, fomos o último país das Américas a abolir esse sistema perverso, depois de muita batalha dos próprios escravizados, e a iconografia que emoldurou essa desventura foi feita majoritariamente por viajantes estrangeiros com uma mirada colonial.

O “Dicionário da Escravidão e Liberdade”, obra organizada por Lilia M. Schwarcz e Flávio Gomes, traz um caderno de imagens com legendas críticas de desenhos e pinturas de artistas como Frans Post, Debret e Rugendas, e fotografias de Marc Ferrez, Alberto Henschel e Augusto Stahl, entre outros. Os autores comentam que, visto a partir desses documentos, o Brasil parece um trópico, plácido, calmo e “pitoresco”, destacando uma política de anonimato e invisibilidade presente no conjunto de imagens: “Na imensa maioria das vezes não sabemos (ou não nos é dado conhecer) a identidade dos ‘modelos’, trata-se somente, na visão desses artistas, de escravos em suas funções” (Schwarcz; Gomes, 2018, p. 47). Ainda sob esse aspecto, Rodrigo Lopes (2020) observa:

A chegada da fotografia ao Brasil, na segunda metade do século 18, tornou exclusiva às famílias da alta burguesia que aqui residiam importar um costume da burguesia europeia: a construção de álbuns de família. Considerado um dos arquivos domésticos mais importantes com o qual o século 20 cresceu, é também dessa época que datam os primeiros registros fotográficos da população negra, como as fotos de amas-de-leite. A fotografia, estandarte da modernidade, esconde no avesso seu lado obscuro e indissociável: a colonialidade. (Lopes, 2020, p. 33)



No século XIX, registros fotográficos foram estimulados por Dom Pedro II, que era amante da fotografia e trouxe a primeira câmera da Europa em 1840, um ano após a descoberta do advento. Hanayrá Negreiros, em palestra proferida no Instituto Moreira Salles, também destaca o imenso montante de acervos fotográficos de pessoas negras no século XIX, as quais em sua imensa maioria são desprovidas de nome e referências biográficas (Negreiros, 2019)⁹. Nesse sentido, Schwarcz (2018, p. 47) afirma que o “jogo de ver e não olhar, de identificar ou deixar no anonimato, de nomear ou construir tipos faz parte de uma arquitetura bem urdida pelo conjunto de imagens da escravidão”. A autora reconhece imagens como discursos eficazes que combinam dimensões de visibilidade e de invisibilidade.

Recentemente, a consagrada revista *National Geographic* também fez seu “mea culpa”, na edição de abril de 2018¹⁰, cuja capa da edição americana estampou a palavra “Black” sobre uma garota branca, e a palavra “White” sobre uma garota negra, e os seguintes dizeres: “Essas irmãs gêmeas nos fazem repensar tudo sobre racismo”. A edição brasileira traz a mesma foto com os seguintes título e subtítulo: “Cor não é raça – É o que diz a ciência moderna e nos ensinam as irmãs gêmeas Marcia e Millie”. A carta editorial, a mesma em ambas as edições, assinada por Susan Goldberg, editora-chefe da revista, é intitulada “Por décadas, nossa cobertura foi racista”. A jornalista diz que até os anos 1970, a publicação “basicamente ignorou pessoas de cor que viviam nos Estados Unidos, raramente identificando-as como algo além de trabalhadores ou empregados domésticos”. E também lembra que “indígenas de diferentes lugares do mundo foram retratados como exóticos”¹¹.

Porém, apesar de ser uma parte importante do processo, desculpas não são suficientes. No texto “Descolonizar o olhar fotográfico”, o poeta e pesquisador Rômulo Silva, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), argumenta que esse tipo de enquadramento da “branca-

⁹ Trecho transcrito da palestra de Hanayrá Negreiros em 2019, realizada pelo Instituto Moreiras Salles. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=St7Ugavyqpm. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁰ Trecho transcrito do artigo de Patricia Edmonds para Revista *National Geographic*, abril de 2018. Disponível em português em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/03/estas-gemeas-uma-negra-outra-branca-provam-que-cor-nao-e-raca>. Acesso em: 31 jul. 2020.

¹¹ Trechos transcritos do editorial da Revista *National Geographic* assinado por Susan Goldberg em 2018. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2018/04/por-decadas-nossa-cobertura-foi-racista-para-superar-nosso-passado-temos-que>. Acesso em: 15 fev. 2023.

imagem-branca” é “uma *selfie* permanentemente atualizada, retroalimentada pelas objetivas, angulares, macro, olho de peixe, olho por olho”, e ainda complementa: “a cegueira que invisibiliza e, em seu reverso permanente, fixa e emoldura o Outro, é um dos cancros coloniais mais dormentes e espetacularizados”¹².

Temí Odomosu (2018)¹³, historiadora da arte, educadora e curadora de origem britânica e nigeriana aponta que “os modos como olhamos para os vestígios da escravidão e do colonialismo nos tornam dependentes, e mesmo implicados na mesma dor que os trouxeram à tona”, podendo redimensionar imagens de autoria de europeus sobre as condições de escravidão. Tais imagens denotam uma dimensão da história em que as tensões do passado permanecem vivas e a maneira como as olhamos e entendemos apontam e influenciam o nosso futuro.

Artistas visuais, como Rosana Paulino e Eustáquio Neves, têm dedicado suas trajetórias e trabalhos à reflexão sobre a invisibilidade e o protagonismo de pessoas negras, unindo suas experiências de vida e memórias familiares a imagens da escravidão, subvertendo-as e criando novos possíveis, tais quais Ayrson Heráclito e Sidney Amaral¹⁴, seguidos por toda uma geração de artistas e curadores que traçam configurações político-poéticas em planos imagéticos neocoloniais, como Aline Furtado, Aline Mota, Ana Beatriz Almeida, Ana Lira, Antonio Obá, Camilla Rocha Campos, Castiel Vitorino, Daniel Lima, Dalton Paula, Diane Lima, Éder Oliveira, Jaime Lauriano, Jota Mombaça, Kerolayne Kemblin / dacordobarro, Mirella Maria, Moisés Patrício, Maxwell Alexandre, Musa Michelle Mattiuzzi, Paulo Nazareth, Pedra Silva, Renata Felinto, Rodrigo Lopes, Tiago Sant’Ana, Yhuri Cruz.

Especificamente na fotografia podemos citar Denise Camargo e Marcela Bonfim, juntos à Alile Dara Onawale, Amanda Oliveira, Bárbara Copque, Bira Carvalho, Ester Cruz, Juh Almeida, Helen Salomão, Larissa Cruz, Mariana Ser, Marcelo Rocha, Roger Cipó, Rony Hernandez, Valda Nogueira¹⁵, Tacun Lecy e Ursula Bahia. Mas esses são apenas alguns nomes, a relação é extensa e interminável, envolvendo personalidades

¹² Texto criado e publicado em uma zine-coletiva organizada e composta por fotografias de coletivos, fotógrafos e fotógrafas das periferias de Fortaleza (CE) e lançada e distribuída na Festa do Dia Mundial da Fotografia que aconteceu na Escola Porto Iracema das Artes em 23 de agosto de 2019.

¹³ Texto apresentado nos encartes da exposição “Mãe Preta”, realizada na Funarte em 2018, por Isabel Löfgren e Patricia Gouvêa. Disponível em: www.maepreta.net/publicacao. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁴ Falecido em 2017.

¹⁵ Falecida precocemente em um acidente em 2019.



como Abdias Nascimento (1914-2011), poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos, Heitor dos Prazeres (1898-1966), artista plástico, estilista e músico compositor, Maria Auxiliadora (1935-1974) e Rubem Valentim (1922-1991), artistas plásticos, Emanuel Araujo (1940-2022), artista plástico e curador, Walter firmo (1937), fotógrafo, e Mestre Didi (1917-2013), escultor e sacerdote do culto Egúngún.

Importante ressaltar que não se trata de desprezar trabalhos fundamentais desenvolvidos por fotógrafos brancos. A curadora, editora, professora e fotógrafa Denise Camargo realizou uma tese de doutorado¹⁶ sobre os trabalhos de Pierre Verger, José de Medeiros e Mário Cravo Neto e há décadas desenvolve uma pesquisa sobre a imagética do candomblé, em que destaca ensaios realizados em diversos terreiros no Brasil, mostrando o envolvimento de profissionais brancos com esses espaços de resistência negra (CAMARGO, 2010).

Há não muito tempo, iniciou-se também um esforço para a “descolonização dos museus” e algumas instituições começaram a revisar seus acervos e posturas, a fim de possibilitar novas narrativas. Foi o caso de “Diálogos Ausentes”¹⁷, evento realizado no final de 2016 e início de 2017 no Itaú Cultural. Após polêmica com um episódio de racismo envolvendo a própria instituição, a pauta foi incluída em seu planejamento. Outra ação expressiva foi a exposição “Histórias Afro-Atlânticas” e o conjunto de atividades envolvidas na programação, realizada entre junho e outubro de 2018, no Museu de Arte de São Paulo (Masp)¹⁸ e no Instituto Tomie Ohtake simultaneamente¹⁹.

Em uma entrevista para a Revista *Select*²⁰, Hélio Menezes, antropólogo e cocurador da mostra, conta que o projeto surgiu como desdobramento da exposição “Histórias Mestiças”, realizada no Tomie Ohtake em 2014, e destaca: “Nosso intuito é

¹⁶ Tese de Doutorado sob o título “Imagética do Candomblé: uma criação no espaço mítico-ritual”, apresentada em 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/283941>. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁷ Ver mais no texto de divulgação da mostra “Diálogos Ausentes”. Disponível em: www.itaucultural.org.br/dialogos-ausentes-mostra. Confira também a palestra de Rosana Paulino. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=VIDt0cRzOIQ. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-afro-atlanticas> e <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-fZARVnCHZfir1lAq70r0.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

¹⁹ Disponível em: www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/historias-afro-atlanticas. Acesso em: 04 ago. 2020.

²⁰ Trecho transcrito da entrevista de Hélio Menezes à Revista *Select* realizada pelo jornalista Marión Strecker em junho de 2018. Disponível em: www.select.art.br/historias-reais-e-ficcionais-afro-atlanticas/. Acesso em: 15 fev. 2023.

revisitar essas imagens do passado para politizá-las. Quando estamos diante de imagens de enorme violência e não nos damos conta da violência impregnada nelas é preciso rerepresentar essas imagens sob nova leitura”. E, mais recentemente, o Instituto Moreira Salles (IMS) também tem realizado importantes parcerias, como o festival Feira Preta, que há 18 anos atua no fomento do empreendedorismo negro no Brasil.

As narrativas, assim como as fotografias, se compõem por atravessamentos coletivos e singulares, são campos públicos nos quais projeções e disputas se encontram. Dessa maneira, o desenvolvimento da pesquisa etnográfica não pode ser compreendido separado de um debate político epistemológico mais geral sobre representação e alteridade. Nas palavras provocadoras de bell hooks:

Se muitas das pessoas não negras que produzem imagens ou narrativas críticas a respeito da negritude e das pessoas negras não questionarem suas perspectivas, elas podem simplesmente recriar a perspectiva imperialista – o olhar que procura dominar, subjugar e colonizar. Isso em especial para pessoas brancas que observam e falam sobre negritude. (...) acolher e celebrar o conceito de uma subjetividade não branca. Seus modos de olhar devem ser fundamentalmente alterados. Eles devem ser capazes de se engajar na luta da militância negra pela transformação das imagens (hooks, 2019, p. 41).

Impulsionada pela leitura do livro “Olhares Negros” (hooks, 2019), eu – Andréa – propus uma conversa com Bárbara Copque, amiga, fotógrafa, pesquisadora, professora, pós-doutora em Ciências Sociais, com quem partilho a autoria deste artigo. Bárbara trabalha com a imagem em seus estudos sobre violência e criminalidade e, no mestrado, entregou máquinas fotográficas para crianças em situação de rua. Já no doutorado, usou a fotografia para tratar a maternidade em um presídio feminino carioca. Atualmente, integra e coordena o coletivo Negras[Fotos]Grafias²¹, ao lado de oito mulheres, além de lecionar no Departamento de Formação de Professores da FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense), na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Em nossa prosa, ele fez o seguinte apontamento:

Você leu bell hooks? Você viu aquele dedo apontado? Quando li, parecia que era eu ali falando, parecia que ela estava falando para mim. Eu tinha vergonha de me expor ou expor minhas imagens, como se eu não tivesse esse direito. Eu fiz uma graduação muito sozinha, graduação, pós-graduação, poucos negros, poucas referências.

²¹ Ver perfil no instagram: <https://www.instagram.com/negrasfotosgrafias/>. Acesso em 25 de novembro de 2022.



Inclusive, hoje, em sala de aula, eu vejo leituras, autores, tudo que – do pouco que eu sei – foi assim, via os textos que achava, ou então uma amiga apresentava, da UFBA, e também do Centro de Estudos Afro-orientais aqui no Rio. Mas não foi em sala de aula, em nenhum momento foi em sala de aula, e a FEBF, nesse sentido, foi importantíssima, eu fiz um esforço enorme para estar lá.

Bárbara continuou contando dos vários projetos que desenvolveu em parceria com seus alunos, falou que, logo no primeiro ano de atuação na FEBF, ficou sensibilizada com a movimentação dos alunos para a formatura, mas, ao mesmo tempo, não deixou de revelar a inquietação que sentia em relação às fotografias com as tradicionais “becas”: “Eu fiquei muito feliz, entendo essa história toda, entendo o que isso significa, também para os familiares. Mas também me senti muito incomodada, aquele cabelo, dentro daquela roupa. E propus novas imagens”.

Bárbara disponibilizou o espaço dentro da faculdade e ficou surpresa com o engajamento dos alunos. “Pediam referências, eles queriam sair dessa pose, começaram a pensar nesse corpo, eu mostrei o trabalho do Kenhide Wille²² e olha o que aconteceu...”. Para ilustrar, ela mostra retratos alegres dos alunos em poses descontraídas com um tecido de chita, estampado, florido e colorido ao fundo. Bárbara conta que as fotos se espalharam pelas redes, diz que também fizeram as fotos oficiais da formatura, mas essas foram as escolhidas pelos estudantes para serem compartilhadas. Na sequência, já emenda e fala sobre a mensagem de uma aluna que recebera na noite anterior à nossa conversa. Transcrevo aqui alguns trechos:

Oi, professora... Estamos passando por tempos caóticos e a fotografia sempre foi meu ponto de equilíbrio, para rever o mundo, rever meu cotidiano, enxergar o meu lar pelos lugares que passo. Quero muito te agradecer pelos seus *posts* dos *stories* e do *feed*. Eles alimentam meu amor pela fotografia e pelo que ainda vou fotografar, obrigada por me ajudar a segurar o rojão do isolamento... A invisibilidade e o silêncio que eu ainda acho que é o permitido para mim. É doloroso achar que eu tenho tanto pra expor e não consigo por medo, vergonha, por achar que são insignificantes, mas realmente muda o meu mundo, muda tudo que vejo e sinto... Por isso, eu agradeço muito por compartilhar imagens tão lindas e palavras fortes que me deixam mais esperançosa de eu ser quem sou... A fotografia abriu um espaço em mim que eu não sei explicar porque eu nunca senti isso com nada, ver seus *posts* tem me deixado cada vez mais ligada à minhas fotografias...

²² Kenhide Wille, pintor contemporâneo americano, especializado em retratos do povo negro.



Emocionada, Bárbara me fala que cada uma das imagens que posta em seu perfil²³ foram conquistadas, tudo o que está enquadrado foi conquistado. Ela continua:

Eu percebi que vários alunos negros passaram a me seguir no *Instagram*, comecei a me rever também, esse mesmo sentimento dela, e comecei a postar. A postar por eles também, é como se eu me arrumasse para dar aula, sabe? Por eles, um pouquinho mais arrumadinha, porque eles merecem. Então eu comecei a postar esses lugares, sabe? Postar essas imagens que eu também tinha uma vergonha enorme, e fui percebendo que cada fotozinha minha ali foi uma grande conquista, sabe Andréa? Qualquer uma ... dos espaços, das pessoas, das relações que a fotografia me permitiu, desse encontro.

Contadora de histórias, como ela mesma se define, ainda fala do trabalho que desenvolveu ao lado da mãe, “As imagens que me faltam” (Copque, 2020)²⁴:

Desde 2014, eu tenho viajado com a minha mãe, filmado e fotografado as memórias dela, que também são minhas, porque estamos em diálogo, ela sempre me contando, e eu percebi que essas imagens da minha mãe, eram imagens que me faltavam. Então eu fui fotografar essas memórias da minha mãe, fomos para o Recôncavo e acabei expondo, estou começando a escrever sobre essa relação entre a minha identidade, a memória e a fotografia. E o quanto que essas imagens que me faltavam me constituíram.

O depoimento de Bárbara ressoa o alerta disparado na interrogação de bell hooks (2019):

Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que nos bloqueiam em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevemos e nos inventarmos de modo que seja libertador. Sem isso, como podemos desafiar e convidar nossos aliados não negros e os amigos a olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (hooks, 2019, p. 32-33).

Ademais, fundamental lembrar, relembrar, insistir e replicar o que as vozes negras repetem com veemência: o racismo é uma problemática branca. “A desconstrução da categoria ‘branquitude’ é central para esse processo de desaprender

²³ Disponível em: www.instagram.com/bacopque/. Acesso em: 25 nov. 2022.

²⁴ Ensaio fotográfico de Bárbara Copque publicado em 2020. Disponível em: www.revistas.usp.br/gis/article/view/163412. Acesso em: 25 nov. 2022.

atitudes e valores supremacistas brancos” (hooks, 2019, p. 50). São as pessoas brancas, eu - Andréa - incluída, que precisamos nos rever em nossa própria branquitude.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- BRAGA, J. **Ancestralidade afro-brasileira: o culto de Babá Egum**. Salvador: Edufba/Ianamá, 1995.
- CAMARGO, D. C. F. **Imagética do candomblé: uma criação no espaço mítico-ritual**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2010. **Disponível em:** <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/778948>. **Acesso em:** 15 fev. 2023.
- COPQUE, B. As imagens que me faltam: ensaio fotográfico. **GIS - Gesto, Imagem E Som** - Revista De Antropologia da USP, v. 5, n. 1. 2020. **Disponível em:** www.revistas.usp.br/gis/article/view/163412. **Acesso em:** 15 fev. 2023.
- hooks, b. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- LOPES, R. **Para nunca esquecer**. LAC: Fortaleza, 2020.
- NEGREIROS, H. **Roupas de preta, olhares de branco: indumentária e imagens coloniais**. Instituto Moreira Salles, Youtube, 10 dez. 2019. **Disponível em:** www.youtube.com/watch?v=St7UqauyqpM. **Acesso em:** 15 fev. 2023.
- ODUMOSU, T. **O que cabe em nosso olhar**. In: Mãe preta: exposição e pesquisa de Isabel Löfgren e Patricia Gouvêa. São Paulo: Funarte, 2018. **Disponível em:** www.maepreta.net/publicacao/. **Acesso em:** 15 fev. 2023.
- SANT'ANNA SOBRINHO, J. **Terreiros Egúngún: um culto ancestral afro-brasileiro**. Salvador, EDUFBA, 2015.
- SCHWARCZ, L.; GOMES, F. **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- SOUTY, J. **Pierre Fatumbi Verger: do olhar livre ao conhecimento iniciático**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

